



A Superação do Ponto Cego no Desenvolvimento Parapsíquico

La Superación del Punto Ciego en el Desarrollo Parapsíquico

The Overcoming of the Blind Spot in Parapsychic Development

Juliana Puppín

Resumo

Descobrir o que pode estar dificultando a mudança de patamar evolutivo nem sempre é fácil. Sua não identificação paralisa, pois se não há nada a ser trabalhado, seja positivo ou negativo, não há mudança possível. O presente artigo tem objetivo de apresentar a trajetória da autora, desde a dificuldade em identificar o motivo da estagnação do desenvolvimento parapsíquico, até o processo de superação. Para tanto, utilizou ferramentas de autoavaliação e autoenfrentamento, resultando na descoberta de interprisão grupocármica e na consequente reconciliação. Além disso, a superação gerou sentimentos de alívio, liberdade, aporte energético e autoconfiança.

Palavras-chave: autossuperação; evolução; parapsiquismo; reconciliação.

Resumen

Averiguar lo que puede dificultar un cambio de nivel evolutivo ni siempre es fácil. Si no se identifica, se produce la paralización, porque si no hay nada para ser trabajado, sea positivo o negativo, no hay cambio posible. En este artículo se tuvo como objetivo presentar la trayectoria del autor, la dificultad para identificar la razón del estancamiento del desarrollo parapsíquico para el proceso de superación. Para este fin se utilizó herramientas de auto-evaluación y auto-afrontamiento, resultando en el descubrimiento de la interprisión grupocármica y posterior reconciliación. Por otra parte, la superación ha generado una sensación de alivio, de libertad, un aporte de energía y confianza en sí mismo.

Palabras clave: auto-superación; evolución; parapsiquismo; reconciliación.

Abstract

Figure out what may be hindering a change of evolutionary level is not always easy. Failure in this identification paralyzes oneself, as if nothing is there to be worked, either positive or negative, there is no change possible. This article has aimed to present the trajectory of the author, from the difficulty in identifying the reason for the stagnation of parapsychic development to the process of self-overcoming. For this, self-evaluation and self-coping tools were used, resulting in the discovery of groupkarmic interprisón and consequent reconciliation. Moreover, the overcoming generated feelings of relief, freedom, energy intake and self-confidence.

Keywords: evolution; parapsychism; reconciliation; self-overcoming.

INTRODUÇÃO

Este artigo está fundamentado no paradigma consciencial, portanto considera a existência de outras dimensões, das bioenergias, de vários “veículos” de manifestação, além do fato de esta ser apenas uma das vidas que tivemos.

Estamos nesta dimensão provisoriamente, em função da necessidade de evolução, de qualificação do pensamento, sentimento e energias, para deixar de lado questões mais primitivas e alcançar pensares mais saudáveis e de melhor qualidade, através da interassistência. Neste sentido, a meta mais próxima é atingir a Desperticidade – condição na qual a pessoa consegue manter o equilíbrio pensênico em situações de assédio. Para tanto, é imprescindível o desenvolvimento do parapsiquismo, da capacidade assistencial e da inteligência evolutiva. Ao focar na desperticidade, esta autora percebeu que o desenvolvimento do parapsiquismo estava estagnado, não mudando de patamar, mesmo com a manutenção contínua de trabalhos relacionados ao parapsiquismo, decidindo investigar o motivo.

Contextualização

Quando conheceu o IIPC, a autora pensava que parapsiquismo era coisa de médium e que já se nascia com esse “dom”. A surpresa foi perceber a mediunidade como capacidade inerente a todos, e também que já havia vivenciado fenômenos parapsíquicos sem, contudo, identificá-los.

Considera-se o fato de acontecerem fenômenos parapsíquicos rotineiramente na vida das cons-cins, muitas vezes de forma inconsciente, sendo confirmação de que o parapsiquismo é algo natural.

Vale a pena ressaltar que ter o fenômeno parapsíquico, por si só, não é relevante. O mais importante é a informação contida na experiência, que possibilita agir de forma apropriada nas diversas situações. Buscar o desenvolvimento parapsíquico por diversão, vaidade ou curiosidade é desperdício de tempo evolutivo. A desenvoltura com os fenômenos paranormais é de grande auxílio no processo de autopesquisa, de entendimento da vida e, principalmente, valiosa ferramenta assistencial.

Os cursos da Conscienciologia e o engajamento no voluntariado conscienciológico são excelente oportunidade de experimentar fenômenos parapsíquicos e aprender a lidar com ele, através do conhecimento e compreensão teáticos dos processos energéticos. Durante bom tempo, manter contato com a Instituição, já era o suficiente para esta autora atingir, aos poucos, novos patamares no domínio das energias. Porém, há aproximadamente um ano, a autora percebeu que o ritmo das superações e conquistas havia diminuído, beirando a paralisação em determinado patamar.

Este momento de tomada de consciência, o popular “cair a ficha”, trouxe a necessidade de repensar e reavaliar as metas evolutivas e o que estava fazendo, de fato, para cumpri-las. A estagnação parapsíquica é incômoda, pois limita a capacidade assistencial, sinalizando a necessidade de maior investimento na autopesquisa.

Objetivo

O presente artigo tem objetivo de apresentar a trajetória da autora, desde a dificuldade em identificar o motivo da estagnação do desenvolvimento parapsíquico, até o processo de superação, possibilitando a troca de informações e visando a interassistência.

Metodologia

A autora utilizou várias ferramentas de autoavaliação para identificação dos pontos necessários à mudança e, dentre elas, o 2º teste do curso ECP1 (Extensão em Conscienciologia e Projeciologia 1), denominado Autoanálise da Estrutura Holossomática, que permitiu levantar dados sobre o soma, psicossoma, energossoma e mentalsoma. Além disso, a autora atualizou a lista pessoal de *trafores* e *trafares*, tendo reiniciado os registros de fenômenos parapsíquicos vivenciados, por exemplo, projeções, sinaléticas, sincronicidades e acoplamentos. Também foram realizados experimentos e estudos relacionados ao tema.

Estrutura

O artigo mostra a dificuldade da autora em identificar ponto cego que travava a mudança de patamar evolutivo. Assim, o processo aqui exposto se inicia com a identificação e o esmiuçamento de pontos superficiais, mais fáceis de serem percebidos e trabalhados, aprofundando, através das técnicas expostas, até chegar ao cerne da questão. A autoanálise realizou-se na seguinte sequência cronológica:

1. Soma. Identificação das condições somáticas que precisavam melhorar.
2. Energossoma: Identificação da frequência e qualidade do trabalho energético.
3. Psicossoma e Pensenes: Identificação de traços, pensamentos e sentimentos.
4. Autocura: Fruto da reconciliação.

I. SOMA

O soma saudável nos mantém nesta dimensão humana e faculta nossas realizações. Porém, o soma doente limita a manifestação, trazendo gasto de energia e tempo com sofrimentos, dores, preocupações e incapacitações. A autora constatou que estava sendo negligente com a própria saúde somática. Foi elaborada lista com 5 pontos que precisavam de atenção:

1. Lesões.
2. Limitações de movimento.
3. Falta de atividade física.
4. Pouca atenção à alimentação.
5. Aumento de peso.

A lista demonstrava pouca maturidade com relação aos cuidados somáticos que exigem disciplina e organização do tempo na manutenção de rotina de exercícios e alimentação saudável.

A autora havia passado seis anos de intensos estudos para a conclusão do mestrado e doutorado, quando interrompeu as atividades físicas. Porém, antes de retomar os exercícios, precisou tratar um problema na cervical, que causava dores no pescoço e ombros, irradiando para a cabeça e braços.

Inicialmente, a autora cogitou estar sofrendo assédios extrafísicos e insistindo no trabalho com as energias percebeu que o problema estava no soma. A hipótese é que o quadro seja resultado de má postura para leitura e uso do computador, somado à falta de atividade física e estresse.

O trabalho de trazer o soma para a condição saudável consumiu meses – “destruir” é mais fácil e rápido do que construir. Já o cuidado com a alimentação foi acontecendo paralelamente e levantou novas questões, como a descoberta de intolerâncias alimentares.

Obviamente, o soma em más condições dificulta o trabalho com as energias, podendo gerar bloqueios e limitações. Porém, não era a causa primária da estagnação parapsíquica. Esse ponto é apenas o começo da autoinvestigação, sendo necessário “cavar mais fundo” para chegar à raiz do problema.

II. ENERGOSSOMA

O energossoma precisa se manter ativo através de movimentações diárias das energias, seja para instalar o EV, fazer assimilações ou desassimilações, doar e receber energias, etc.

O trabalho com as energias pode e deve ser inserido nas atividades diárias de forma rotineira. A autora lidava com as energias de maneira estanque e pontual, ou seja, a atenção às energias estava restrita a determinados momentos, fora dos quais ignorava e não valorizava as percepções e interações energéticas multidimensionais.

Tal hábito construiu rotinas úteis ao longo dos anos, mas limitava o desenvolvimento da auto-conscientização multidimensional. Havia dicotomia entre as realidades intrafísica e extrafísica, como se a interação entre as dimensões acontecesse apenas em locais e momentos específicos.

O trabalho com as energias estava associado, principalmente, a 3 rotinas úteis :

1. Prática da Tenepes.
2. Trabalho na clínica.
3. Atividades do voluntariado.

Outros momentos de movimentação energética mais intensa ocorriam durante a participação em cursos no IIPC, seja como aluna, docente ou monitora, situações propícias e adequadas para o trabalho intencional com as energias. Mas o que estaria gerando momentos tão distintos de envolvimento ativo com o trabalho multidimensional e de distanciamento ignorante do parapsiquismo?

O soma estava sendo cuidado, assim como a separação estanque entre as dimensões, mas a sensação de trava e limitação no desenvolvimento do parapsiquismo permanecia.

III. PSICOSSOMA E PENSENES

As pessoas podem ter dificuldade em perceber tanto os traços positivos, qualidades, habilidades e *trafores*, quanto os negativos, imaturidades, “defeitos”, *trafares*.

No caso de não identificar os traços positivos, a consciência também terá dificuldade para assumir comportamentos mais maduros e de maior responsabilidade, podendo permanecer em posturas infantis e vitimizadas.

Já a cegueira para os traços negativos mantém a consciência estagnada, repetindo erros e sofrimentos. A não identificação de *trafores* e *trafares* aprisiona, pois se não há traço a ser trabalhado, seja positivo ou negativo, não há o que ser feito.

O medo é *trafar* que bloqueia a manifestação da consciência, sendo dos grandes responsáveis pelo bloqueio no desenvolvimento parapsíquico. Dentre os medos relacionados aos fenômenos parapsíquicos, destacam-se 5 exemplos:

1. Medo de se projetar e algo ruim acontecer.
2. Medo de ver espíritos.
3. Medo de ficar assimilado com energias ou consciências negativas.
4. Medo de abrir permanente portal para o extrafísico.
5. Medo da responsabilidade advinda do trabalho multidimensional.

Ao refazer a listagem pessoal de *trafores* e *trafares*, a autora deparou-se com o medo. Inicialmente, identificava o medo apenas em situações que não tinham relação com o parapsiquismo, como por exemplo, medo de sentir dor.

No caso da autora, o contato ostensivo com a multidimensionalidade iniciou-se durante os cursos realizados no IIPC, quando pode vivenciar os fenômenos.

Tais experimentações nunca produziram sentimento de medo, mas sim, de curiosidade, motivação e segurança, pois quanto mais se desenvolvia parapsiquicamente, mais forte e confiante se sentia para lidar com essa nova habilidade, não se recordando de ter sentido medo no contato com as ideias da Conscienciologia ou nas práticas propostas.

Ao contrário, esta autora considera as ideias extremamente lógicas e o desenvolvimento parapsíquico algo empolgante, embora exija esforço. A autora fez retrospectiva do seu contato anterior com a multidimensionalidade, recordando-se de ter vivenciado intuições, acoplamentos e iscagens, com pouca lucidez e sem dramas. Considerava que havia sido criança sem mediunidade e mesmo assim esforçou-se para revisitar as lembranças dessa época, tendo identificado situação de medo relacionado ao parapsiquismo.

Imaturidade diante do Fenômeno

A autora tinha, no máximo, 10 anos e estava brincando com duas crianças mais novas, na casa delas. No meio da brincadeira com as bonecas, a autora assumiu a condução do enredo da brincadeira, “fazendo” uma das bonecas adoecer, morrer e ser enterrada.

Na época, a autora ficou surpresa com tal atitude, pois era muito tímida, principalmente com quem não tinha intimidade e em ambiente estranho. A brincadeira terminou com comoção pela morte da boneca. A menina mais nova era quem mais chorava e ficava questionando por que a boneca havia morrido.

Naquele momento, determinado fenômeno aconteceu: a autora sentia-se, em parte, confusa, triste pela boneca, questionando-se sobre o que estava acontecendo, com sensação de distanciamento da cena. Ao mesmo tempo, se mantinha calma e fraterna, explicando o acontecimento e seus desdobramentos.

Escutou-se grande barulho externo e, pouco tempo depois, algum tumulto. Um dos adultos bateu na porta do quarto e avisou que o cão da família havia sido atropelado. As meninas correram para ver o bichinho e a autora ficou por um tempo no quarto, estática, em choque.

Diante do ocorrido, a autora associou o atropelamento e a consequente dessoria do animal com o “ritual de morte” realizado minutos antes, e assumiu internamente a culpa pelo ocorrido, falando para si mesma que não queria saber “desses assuntos”.

A partir daquele momento, recusou-se a ter contato com qualquer tipo de fenômeno paranormal. Além da culpa, sentia medo e tensão, esperando o momento em que um dos adultos percebesse o seu envolvimento na dessoria do cão.

Evitou-se contato com qualquer desdobramento do fato e evitou também ter contato com as meninas. A “morte” da boneca nunca foi mencionada e tampouco relacionada com a do cão.

Mesmo assim, esta autora evitava qualquer relação com fenômenos parapsíquicos, associando-os a algo ruim. Relembrar essa história trouxe à tona os sentimentos daquela época os quais, surpreendentemente, mantinham-se ainda bem intensos.

Aprofundamento da Situação

Hoje, é possível reinterpretar a experiência vivenciada, tirando o rótulo negativo, classificando-a como evento assistencial. Foi rápida e pontual a assistência feita para as meninas, ao explicar a morte e suas consequências, tema que costuma ser tabu para os pais. A conclusão é que o teatro com as bonecas foi positivo, assistencial, esclarecedor e preparatório para a situação ocorrida após a brincadeira.

A imaturidade da autora àquela época venceu a experiência com grande carga de culpa e medo. A lembrança da situação vivenciada descortinou sentimentos negativos ainda presentes e associados ao parapsiquismo, sendo necessário desfazer a associação negativa da infância.

Porém, o simples entendimento de um fato não é suficiente para desativar a carga emocional a ele relacionada. Não basta racionalizar, é preciso ressignificar o sentimento através da vivência. Afinal, foi na prática que ocorreu o *link* do PEN (pensamento) com o SEN (sentimento).

Na psicologia, a técnica para superação de medos é bastante conhecida, podendo ser resumida em única palavra: enfrentamento.

A técnica consiste em que a pessoa se coloque em contato com a situação que gera o medo e nela permaneça até o apaziguamento. Se a pessoa abandonar a situação antes de se acalmar, a tendência é reforçar o medo. Esse contato pode ser de forma gradativa, aumentando aos poucos o grau de dificuldade, ou pode acontecer de forma mais impactante.

Preparo para o Autoenfrentamento

Após refletir sobre o que poderia ser feito para superar o trauma infantil, a autora identificou 2 principais fenômenos que a assustaram na cena vivenciada:

1. Acoplamento.
2. Captação de informação.

A partir disso, a autora decidiu criar situação em que os dois pontos estivessem presentes. Percebeu que já colecionava casos desse tipo como, por exemplo, quando minutos antes de um cliente chegar, a autora trabalha com as energias no consultório para que seja feita a assistência necessária, e geralmente acessa informações referentes ao tema da sessão e seu desenrolar.

O mesmo acontece no voluntariado, onde consegue acessar informações de questões que estão para acontecer ou que precisam ser resolvidas. Os dois casos derivam de acoplamento com o amparo de função.

Outras vezes, as informações surgem em momentos em que a autora não está pensando ou trabalhando com o tema relativo à informação. Houve, então, o seguinte questionamento: “se tenho várias experiências em casos similares, por que o trauma se mantém?” Foram levantadas as seguintes hipóteses:

1. A autora não se sentia responsável pelas informações captadas e pelos acontecimentos delas decorrentes.
2. As referidas vivências não tinham teor dramático e não precisavam ser expostas.
3. Nessas situações a autora não era a porta-voz de notícias ruins.

Constatou-se que para acontecer a cura, seria necessário colocar-se ativamente em situação de captação de informações com conteúdo relevante para alguém (situação similar à vivida na infância), sendo importante expor tal informação, independentemente de o receptor considerar o conteúdo positivo ou negativo. Decidiu-se fazer experimento envolvendo precognição.

Cobaia

A autora entrou em contato com seu irmão, que à época, passava por momento de tomada de decisões em várias situações de vida e solicitou que fosse sua cobaia em experiências envolvendo parapsiquismo, ao que ele prontamente se disponibilizou, uma vez que conhece e admite as questões referentes à Conscienciologia.

A proposta foi a seguinte: ele diria uma ou duas situações relevantes do seu momento atual e que ainda não tivesse certeza quanto à sua resolução, e a autora tentaria descobrir qual seria o desfecho dos acontecimentos.

A autora anotou as duas questões por ele expostas em recortes de papel objetivando “materializar” as situações. As situações teriam desfecho no prazo máximo de seis meses a partir daquela data.

Cosmoética

É importante ter atenção redobrada com experimento que envolve outras consciências, devendo ficar bem claro o que se pretende com aquela experiência parapsíquica.

No caso do experimento para a autossuperação foi escolhida a precognição, fenômeno parapsíquico bem conhecido e explorado pelas fontes de entretenimento e por pessoas manipuladoras buscando benefícios próprios.

Esta autora não visava desenvolver a capacidade de adivinhação do futuro e nem alimentar vaidades, mas, sim, buscava oportunidade para enfrentar o medo e ampliar o seu fôlego assistencial, o que deve ser a motivação essencial para a mudança do patamar parapsíquico.

A boa assistência é aquela pautada na visão de conjunto, que conduz a soluções pertinentes e necessárias ao processo evolutivo de todos os envolvidos. A visão de conjunto expande o olhar para além do microuniverso pessoal, alcançando contexto maior, onde estamos todos interligados.

No intrafísico, o entendimento das interdependências é limitado, por isso o trabalho lado a lado com o amparador é fundamental, fazendo-se necessário o desenvolvimento do parapsiquismo lúcido, norteados pelo discernimento cosmoético.

A cosmoética é a ampliação da ética e da moral humana. Isso significa que nossos atos devem respeitar conscins e consciexes, sem ser egóicos, ou trazer qualquer tipo de prejuízo, constrangimento, sofrimento ou imposição a outras consciências.

Um pensene representativo da cosmoética é: “Que aconteça o melhor para todos”. Assim, o desenvolvimento do parapsiquismo deve caminhar juntamente com o desenvolvimento da cosmoética. Para qualificar a intenção, é necessário ter claro o que se pretende fazer com as informações captadas.

Experimento

Em horário livre de interferências intrafísicas, a autora sentava-se confortavelmente, instalava o EV, segurava um dos papéis na mão e tentava estabelecer o acoplamento com a situação.

Em outros momentos, buscava acessar as informações por meio da projeção. Neste caso, as questões eram colocadas, uma por vez, como alvos projetivos. Logo na primeira tentativa, a autora foi surpreendida com pensenes assediadores do tipo: “você não vai conseguir, e aí será um vexame! E se a resolução da situação for ruim? E se o que você percebeu não passar de criação da sua cabeça? Você vai ter branco! Você será o porta-voz de notícias ruins, vai ter coragem? Fazer isso é errado! É enganação! É manipulação!”.

Essa é apenas amostra dos pensenes negativos que inundaram a mente da autora. Mas estava determinada a superar o medo, que permitia esse tipo de acoplamento.

Nas duas primeiras tentativas a autora passou a maior parte do tempo tentando bloquear a interferência e a pressão negativa desses xenopenses, conseguindo recuperar o equilíbrio.

A intensidade do contrafluxo sinalizou que estava no caminho certo. A autora lembrou-se que assistir aquelas consciências é mais o importante nesses casos e esta postura faz a diferença.

Entrar em contato lúcido com o padrão pensênico das consciexes aumentou a clareza sobre a situação e surgiram lembranças de outros momentos onde também ocorreu o mesmo padrão pensênico negativo.

Aprofundamento – “Boi na Linha”

O reconhecimento energético da pensenidade das consciexes deixou clara a distinção entre aqueles pensenes e os da autora.

Com isso, recuperou-se a lembrança de outras situações nas quais houve a tentativa de incutir o medo dos fenômenos parapsíquicos, associando o mesmo à bruxaria e a coisas negativas, ficando claro para esta autora que aquelas consciexes já a acompanhavam há algum tempo.

Tal reconhecimento se deu pela leitura energética e identificação do padrão. A energia das consciexes não gerava estranheza ou repúdio, sendo apenas perturbadora por proporcionar medo e confusão mental.

Percebeu-se a presença de pequeno grupo, no qual uma delas se destacava e assumia a liderança nas investidas, tendo fácil acesso aos pensenes da autora, a ponto desta não perceber que eram externos ao seu funcionamento mental. Diante dessa percepção, foram levantadas 3 hipóteses:

1. Guia cego – intencionando afastar a autora do parapsiquismo, protegendo-a das consequências referentes ao seu mau uso.
2. Consciência cobradora – prejudicada em existências anteriores, vindo agora cobrar pelos danos sofridos.
3. Conhecida perseguidora de outras existências – continua a perseguição por considerar a prática da “bruxaria” algo nefasto.

IV. AUTOCURA

Reconciliação e Superação da Culpa

A situação descrita anteriormente tornou-se oportunidade ímpar para a interassistência. A vontade sincera de resolvê-la permitiu que, durante a tenepes, fosse acessada a informação de ter lido com o parapsiquismo em existência anterior, na qual a autora havia prejudicado aquelas consciexes.

Iniciou-se o processo de reconciliação, com pedido sincero de desculpas, a todos que teriam sido prejudicados. As consciexes também foram esclarecidas acerca da intenção sincera da autora de aplicar os conhecimentos parapsíquicos de forma assistencial, como já vinha fazendo.

A autora assumiu postura de desnudamento consciencial, convidando as consciências a acompanhá-la e observarem suas intenções por trás do desenvolvimento parapsíquico, e da utilização do mesmo nesta vida.

Em resumo, a autora ficou disponível para o que precisassem, sendo importante registrar que apresentação do presente artigo permite que seja reafirmado publicamente o compromisso com a intencionalidade positiva norteador o processo de mudança.

Resultados

Ao diferenciar seus pensenes daqueles de seus acompanhantes extrafísicos, ficou evidente os reais receios e inseguranças da autora, situando o medo e a culpa associados ao parapsiquismo enquanto algo estimulado pelas consciexes, em ressonância com fatos acontecidos em existência pretérita (interpretação).

Tal fato esclareceu por que a autora restringia o trabalho com as energias a momentos específicos, os quais sempre relacionados à assistência, não havendo margem para desvios. Sentia desconforto em qualquer outra situação, como, por exemplo, fazer psicometria ou blindagem de ambiente e treinar clarividência facial diante do espelho.

Após a reconciliação e o consequente desassédio, não era mais relevante realizar o experimento planejado anteriormente, o qual foi finalizado apenas para concluir o processo de autopesquisa.

As percepções indicativas de desfecho para as questões da “cobaia” foram anotadas em papel, datadas, colocadas em envelope e lacradas. Os resultados, sejam definitivos ou parciais, não serão expostos aqui por dizerem respeito a terceiro.

O fato de conseguir captar as informações com precisão não foi prioritário em nenhum momento. O mais importante na busca do desenvolvimento do parapsiquismo é adquirir desenvoltura parapsíquica que possibilite a interassistência e as reconciliações.

Seguem, listados abaixo, 11 ganhos decorrentes deste processo:

01. Resolução de medos. Dissociação do parapsiquismo de algo potencialmente ruim ou negativo. É a intenção pessoal que qualifica o parapsiquismo.

02. Ampliação do entendimento das situações de assédio. Não existe “entidade” chamada assédio, nome dado a certos comportamentos doentios e patológicos. Assim, o “assediador” é consciência que está precisando de algo, seja energia, retratação, acolhimento, encaminhamento, orientação, entre outras necessidades.

03. Interassistência. Toda situação de assistência gera oportunidade de crescimento mútuo, quando o assistente não se coloca em condição superior ao assistido.

04. Ampliação da autoconscientização multidimensional. Não é necessário local específico para o desenvolvimento do parapsiquismo sadio. O contato com a multidimensionalidade é rotineiro e frequente, quer percebamos ou não. A autoconscientização quanto a essa realidade elimina influências negativas e aumenta as trocas positivas e assistenciais.

05. Estreitamento da relação com o amparo. Proximidade e intimidade fraterna com nossos compassageiros evolutivos.

06. Ganho de paciência. O amparador de hoje foi o assediador assistido de ontem. Superar *trafares* não é tarefa fácil, exigindo dedicação e esforço. A compreensão desse processo traz paciência e ânimo para seguir em frente.

07. Maior autoconfiança parapsíquica. Quanto mais se pratica algo, mais se ganha confiança e desenvoltura em tal habilidade.

08. Menos ingenuidade. Temos mais companhias extrafísicas do que percebemos. Essas influências podem ser tanto negativas quanto positivas. O que determina a qualidade das interações é o padrão pensênico.

09. Confirmação de não sermos o centro dos acontecimentos. Conscientização da condição de minipeça no maximecanismo.

10. Redução de expectativas quanto a resultados. O mais importante quanto ao desempenho parapsíquico é qualificar cosmoeticamente a intenção.

11. Entendimento mais claro da condição de desperticidade. Condição sinônimo de trabalho assistencial ininterrupto, sem férias. A partir da experiência vivenciada, a intenção da autora quanto ao alcance da desperticidade não se restringe apenas a atingir a condição de constante autodesassédio, mas a qualificação do trabalho assistencial que tal condição proporciona.

CONCLUSÃO

Foram meses de autopesquisa para descobrir a causa da limitação no desenvolvimento parapsíquico. A autora fez varredura por todos os veículos de manifestação, começando pelo soma, o mais rudimentar.

Investigar veículo por veículo eliminou possíveis causas relacionadas a eles e permitiu chegar ao ponto central: interprisão, que precisava ser assumida e resolvida.

O contato, sem lucidez, com os credores gerava medo e culpa, não havendo subjugação devido ao bem desenvolvido trafor da coragem. O processo de perdão mútuo não exclui a necessidade de reparação, que pode se concretizar por várias vias, ressaltando que nenhuma delas passa pela “Lei de Talião”.

A qualificação positiva das interrelações é intrínseca ao processo evolutivo, uma vez que a interdependência é fato. A melhoria nos relacionamentos, seja com conscins ou consciexes, é possível a partir do amadurecimento pessoal e a autopesquisa é ferramenta imprescindível neste processo.

Estagnação é “morte” em vida. Embora alguns enfrentamentos pessoais não sejam fáceis, são necessários e fortalecedores. O enfrentamento e a consequente superação são gratificantes, gerando sentimentos de alívio, liberdade, aporte energético e autoconfiança. Somado à autopesquisa está o desenvolvimento do parapsiquismo cosmoético.

Quando a pessoa compreende o processo evolutivo, percebe a grande demanda das consciências por assistência, a importância do desenvolvimento parapsíquico e para de pensar apenas em suas questões egóicas.

***DESENVOLVER O PARAPSIQUISMO INTENCIONALMENTE, VISANDO
A INTERASSISTÊNCIA, É ATO DE MATURIDADE CONSCIENCIAL.***

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. BALONA, Málu; *Autocura através da Reconciliação: um Estudo Prático sobre a Afetividade*; 2ª Ed.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2004.
2. VIEIRA, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*. Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1994.
3. VIEIRA, Waldo; *Homo sapiens pacificus*; Ed. CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; 2007.

4. VIEIRA, Waldo; *Homo sapiens reurbanisatus*; Ed. CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; 2003.
5. VIEIRA, Waldo; *Nossa evolução*; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1996.
6. VIEIRA, Waldo; *O que é a Conscienciologia*; 3ª Ed.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2005.
7. XAVIER, Francisco Cândido; *Nos domínios de Mediunidade*; 36ª Ed.; FEB; Brasília, DF; 2014.
8. ZOLET, Lilian; *Parapsiquismo na Infância: Perguntas e Respostas*; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2014.

WEBGRAFIA CONSULTADA

1. Verbete *Desrepressão Parapsíquica*; Enciclopédia da Conscienciologia; <http://www.tertuliaconscienciologia.org>.
2. Verbete *Síndrome do Oráculo*; Enciclopédia da Conscienciologia; <http://www.tertuliaconscienciologia.org>.

Juliana Puppín Duarte, psicóloga clínica; doutora em Psicologia (UFRJ); voluntária da Conscienciologia desde 2005; docente em Conscienciologia desde 2007, atualmente atua na área de pesquisa do CEA RJ.

E-mail: julianapuppín@yahoo.com.br